

A PRESENÇA DA PERSONAGEM FRADIQUE MENDES/ EÇA DE QUEIRÓS EM JORNAIS PORTUGUESES E BRASILEIROS

The presence of the character Fradique Mendes/Eça de Queirós in Brazilian
and Portuguese newspapers

Rosane Gazolla A. Feitosa¹

RESUMO: A personagem Carlos Fradique Mendes aparece pela primeira vez em 29 de agosto 1869, como criação coletiva de Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós, por meio da publicação de alguns poemas no jornal *Revolução de Setembro* (Lisboa) e n' *O Primeiro de Janeiro* (Porto). Em 1870, Fradique aparece como personagem episódica no folhetim *O mistério da estrada de Sintra*, publicado no *Diário de Notícias* (Lisboa) entre 24 de julho e 27 de setembro, escrito por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Em 1888, Eça de Queirós retoma a personagem com a publicação das partes iniciais do futuro livro sobre Fradique, "Memórias e Notas (I-VIII)" e das cartas de Fradique no jornal carioca, *Gazeta de Notícias*; em *O Repórter* (Lisboa); na *Revista de Portugal*; n' *A Ilustração* e na *Revista Moderna*. Nosso objetivo no presente texto é: mostrar a presença da personagem, Carlos Fradique Mendes, nesses vários periódicos, particularmente os textos iniciais de Fradique (1869-1870), contextualizando os referidos jornais; mostrar também que a inserção de imagens desses periódicos funciona como textos não verbais; mostrar que as matérias publicadas, muitas delas republicadas com algumas alterações, fazem parte do livro *Correspondência de Fradique Mendes*, publicado em dezembro de 1900, depois do falecimento de Eça de Queirós em 16 de agosto de 1900; mostrar que, no Brasil, nas primeiras décadas de 1900, o eco de Fradique Mendes ainda estava presente em periódicos, como em *O Pirralho* (São Paulo, 1911-1917).

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Fradique Mendes; periódicos; Eça de Queirós.

ABSTRACT: The character Carlos Fradique Mendes appears for the first time in August 29th 1869, as a Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós' collective creation, through the publication of some poems in the newspaper *Revolução de Setembro* (Lisbon) and in *O Primeiro de Janeiro* (Porto). In 1870, Fradique appears as an episodic character in the serial *O mistério da estrada de Sintra*, published in *Diário de Notícias* (Lisbon) from July 24th to September 27th, written by Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. In 1888, Eça de Queirós took up the character with the publication of the initial parts from the future book about Fradique, "Memórias e Notas (I-VIII)", and his letters in the newspaper *Gazeta de Notícias*, from Rio de Janeiro; in *O Repórter* (Lisbon); in *Revista de Portugal*; in *A Ilustração* and in the *Revista Moderna*. In this article, we aim to show Carlos Fradique Mendes' presence in these periodicals,

¹ Docente da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP; pesquisadora apoiada pela FAPESP.

especialmente em seus textos iniciais (1869-1870), contextualizando os referidos jornais; para mostrar que a inserção de imagens desses periódicos funciona como textos não-verbais; que os artigos publicados, muitos deles republicados com algumas alterações, fazem parte do livro *Correspondência de Fradique Mendes*, publicado em dezembro de 1900, após Eça de Queirós' morte em 16th de agosto de 1900; para mostrar que, no Brasil, nas primeiras décadas do século 20th, o eco de Fradique Mendes ainda está presente em periódicos, como em *O Pirralho*, (São Paulo, 1911-1917).

KEYWORDS: Carlos Fradique Mendes; periódicos; Eça de Queirós.

A personagem Carlos Fradique Mendes, inicialmente criação coletiva de Jaime Batalha Reis, Antero de Quental e Eça de Queirós, teve publicada uma série de matérias nos jornais de Portugal e do Brasil, após ser retomada apenas por Eça de Queirós em 1888. Primeiramente, aparece assinando poemas em 1869 nos jornais *Revolução de Setembro* (Lisboa) e *O Primeiro de Janeiro* (Porto); depois, em 1870, como personagem secundária do folhetim *O Mistério da Estrada de Sintra*, no jornal *Diário de Notícias* (Lisboa). Faremos um comentário um pouco mais detalhado acerca desses jornais acima e também da *Gazeta de Notícias*, que publicou a maior parte dos textos do Fradique queiroso em 1888 e 1892.

Percorreremos a trilha da personagem Fradique Mendes nos periódicos citados mesclando com a trajetória jornalística de Eça de Queirós, pois este foi um desses escritores que se valeu do periódico para vários fins. Sua produção publicada em periódicos, seja com textos de ficção, seja com textos de não ficção, perdurou por toda sua carreira, constituindo uma de suas indissociáveis dimensões.

No século XIX, os jornais, lado a lado com as revistas literárias, disputavam, de modo muito mais frequente, não só a publicação, mas também a promoção de autores nacionais e estrangeiros, a informação rápida dos acontecimentos internacionais, a veiculação e difusão de ideias, moda e correntes estéticas. Tornaram-se instrumentos correntes de informação, contemplando os jornais as notícias de caráter político e de divulgação imediata e as revistas, temas variados, de informação mais elaborada, anunciando as mais recentes descobertas sob as matérias abordadas (cf. MARTINS, 2001, p. 39).

Pode dizer-se que o liberalismo político, a alfabetização, a publicidade, a urbanização, os progressos técnicos, a aparição das agências de notícias, a abolição das taxas e de outros entraves ao desenvolvimento da imprensa noticiosa comercial e popular tornou esta última num negócio industrial apetecível em toda a Europa, embora os avultados investimentos necessários para pôr um grande jornal a

funcionar propiciassem o seu controlo pelos grandes potentados empresariais (SOUSA, s.d.).

Um panorama da produção de Eça publicada em periódicos pode ser traçado tendo em vista sua colaboração regular em: *Gazeta de Portugal* (1866-1867), *Distrito de Évora* (primeiro semestre de 1867), *As Farpas* (1871-1872), *Atualidade* (1877-1878), *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro, 1880-1897), *Revista de Portugal* (1889-92), *Revista Moderna* (1897-1899); e colaborações avulsas em *Revolução de Setembro*, *Diário de Notícias*, *O Repórter*, *A Ilustração*, *O Tempo* e *A Província*.

Com a Regeneração (1851), começa um período de grande facilidade para a imprensa por causa da legislação portuguesa: “Foi essa a grande época de florescimento do jornalismo, que se estende até ao começo do reinado de D. Carlos (1890)” (TENGARRINHA, p. 184). Por terem sobrevivido por mais de 30 anos, alguns jornais “provaram que de algum modo se haviam identificado com a vida de seu tempo e nela exercido considerável influência”, diz Tengarrinha (p. 185) comentando um balanço acerca do periodismo do século XIX feito pelo bibliógrafo, escritor e jornalista português P. W. de Brito Aranha (1833-1914). São lembrados alguns dos jornais de Lisboa: *Revolução de Setembro* (1840-1901), *Jornal do Comércio* (1853-1989), *Diário de Notícias* (1864-1984). No Porto, *O Comércio do Porto* (1854-2003) e *O Primeiro de Janeiro* (1868).

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO (1840-1901): EXEMPLO DE SUCESSO COM A. R. SAMPAIO

O jornal, um exemplo de sucesso que se traduziu também nos 61 anos de edição regular, de 1840 a 1901, não deixa de constituir um caso único na história da imprensa periódica portuguesa, pois a vida dos jornais era, de maneira geral, pouco duradoura.

Com cerca de 50 assinantes, começa com os artigos de António Rodrigues Sampaio, mas, sobretudo, com os seus editoriais a ter uma projeção até aí desconhecida, e um mês depois chega aos 1.000 assinantes, o que para a época era muito significativo. E também, rapidamente, se transforma no jornal mais importante e influente do Liberalismo (v. TENGARRINHA, p. 153).

Com a radicalização da vida política portuguesa, a partir de 1846-1847, o jornal também se radicaliza, linha que manterá até a Regeneração, em 1851. O tema principal nas páginas d’*A Revolução de Setembro* é a luta contra a ditadura administrativa e parlamentar de Costa Cabral, provocando

com os seus editoriais verdadeiras alavancas da opinião pública. A partir de 1851, *A Revolução de Setembro* entra em outra fase, indissociável da pacificação política que o país, então, conhece. Assim como o Partido Regenerador “domestica-se sob a regeneração”, *A Revolução de Setembro* segue uma linha mais moderada.

António Rodrigues Sampaio, o grande jornalista, o Sampaio de *A Revolução de Setembro*, de atitude polemista, dedica-se a “pensar Portugal”. Não o Portugal das permanentes lutas políticas, da intriga, das brigas domésticas, mas o Portugal que se pretende desenvolver e modernizar espelhando-se em uma Europa em franco progresso econômico e material. R. Sampaio encarna o “próprio ideal romântico da imprensa” (TENGARRINHA, p. 153). É neste contexto que aparecem, n’*A Revolução de Setembro*, vários artigos, ou melhor, editoriais, — muitas vezes a ocupar integralmente a primeira página do jornal, — que refletem o pensamento político reformador, com grande eco na opinião pública portuguesa.

Em 29 de agosto de 1869, aparecem no *Revolução de Setembro*, sob a epígrafe “Folhetim”, à página 1, continuando na página 2, no fim da página, quatro poemas: “Soneto”; “Serenata de Satã às estrelas” (com oito partes/estrofes); “A velhinha”; (cinco partes/estrofes) e “Fragmento da Guitarra de Satã — provável autoria de Antero de Quental”, nona parte com sete estrofes. Estes poemas têm a assinatura de C. Fradique Mendes na página 2 e são antecedidos por uma apresentação que diz o seguinte na parte inicial da matéria:

São do sr. Carlos Fradique Mendes — um verdadeiro poeta, que por ora só conhecem os seus amigos íntimos — as seguintes poesias.

Habitando Paris durante muitos anos, conheceu o sr. Fradique Mendes pessoalmente a Carlos Baudelaire, Leconte de Lisle, Banville e a todos os poetas da nova geração francesa. O seu espírito, em parte cultivado por esta escola, é entre nós o representante dos satanistas do Norte, de Coppert, Van Hole, Kitziz, e principalmemente Ulurus, o fantástico autor das *Auroras do Mal* (*Revolução de Setembro*, 29 ag. 1869, p. 1)

Essa publicação, criação coletiva de Jaime Batalha Reis, Antero de Quental e Eça de Queirós, seria o registro de nascimento literário da personagem Fradique Mendes. Para detalhes dessa primeira aparição, o historiador Joel Serrão publicou a indispensável obra a respeito do tema, *O primeiro Fradique Mendes* (1985). Neste livro, Serrão nos informa, com

bastante certeza, que o texto introdutório, a organização do folhetim e o poema “A Velhinha” são da autoria de Jaime Batalha Reis; que o poema “Fragmento da guitarra de Satã” é de Antero de Quental; que este estava ausente de Lisboa desde maio de 1869 em viagem aos Estados Unidos; que Eça de Queirós refere-se ao episódio da publicação do folhetim em *A Revolução de Setembro* no início de “Memórias e Notas — I” da obra *Correspondência de Fradique Mendes*:

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Páscoa, — justamente na semana em que ele regressara da sua viagem à Africa Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admirável datava de Lisboa, do ano remoto de 1867. Foi no Verão desse ano, uma tarde, no Café Martinho, que encontrei, num número já amarrotado da “Revolução de Setembro”, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam (REIS; FIALHO, SIMÕES, 2014, p.7).

Jaime Batalha Reis (1847-1935) relembra o nascimento de C. Fradique Mendes no capítulo “Anos de Lisboa: algumas lembranças” do livro-homenagem *Anthero de Quental In Memoriam*, em que relembra os anos vividos junto de Antero (1842-1891) em Lisboa:

Um dia, pensando na riqueza imensa do moderno movimento de ideias, cuja existência parecia ser tão absolutamente desconhecida em Portugal, pensando na apatia chinesa dos lisboetas, imobilizados, durante anos, na contemplação e no cinzelar de meia ideia, velha, indecisa, em segunda mão, e em mau uso, — pensamos em suprir uma das muitas lacunas lamentáveis criando ao menos, um poeta satânico. Foi assim que aparece Carlos Fradique Mendes.

[...]

Os *Satânicos do Norte* foram assim inventados; os seus nomes, biografias, e obras, coordenadas. Sobre eles se publicou um primeiro folhetim na *Revolução de Setembro* acompanhando algumas poesias de Fradique.

[...]

Mas o *grande artista* que mais aceitação teve em Lisboa foi Ulurug, citado com respeito e louvor, em livros de Crítica

literária do tempo: Os livreiros, instados por alguns dos mais cultos literatos portugueses, durante muitos meses encomendaram, para Paris, as *Obras completas*, d’este diabólico e fantástico autor. (p. 460-2)

[...]

Esta brincadeira, — porque não passou d’uma brincadeira... (1993, p. 461-3).

O PRIMEIRO DE JANEIRO (PORTO): INFORMAR DE FORMA ISENTA E PLURALISTA

O sucesso dos jornais noticiosos generalistas “industriais” obrigou a alguns jornais a adaptar-se à nova situação, reorientando a sua linha editorial. *O Primeiro de Janeiro*, fundado em 1868, como *A Revolta de Janeiro* para aludir à Revolta da Janeirinha, contra o imposto de consumo decretado pelo Governo, por ocasião das manifestações populares da Praça Nova, no Porto em primeiro de janeiro de 1868, quando se iniciou o processo que levou ao fim da Regeneração. O jornal nasceu como órgão simultaneamente político e noticioso, mas também evoluiu para um diário generalista comercial e tinha por objetivo manter vivas as aspirações liberais de tendência progressista. Já no século XX, tornou-se o grande jornal de referência do Norte do país. A sua publicação foi suspensa a 31 de agosto desse mesmo ano, mas regressou ao mercado a 1 de dezembro seguinte, já com a designação de *O Primeiro de Janeiro*, que se manteve até a atualidade (v. O PRIMEIRO, s.d.).

Seu fundador, António Augusto Leal, proprietário de uma tipografia, decidiu criar um novo jornal na cidade do Porto, mas não teve grande sucesso, sobrevivendo com o auxílio de um comerciante regressado do Brasil, Gaspar Baltar. A primeiro de janeiro de 1869, numa altura em que Ferreira Baltar era o diretor, e seu filho, de nome homônimo, era o diretor editorial, o jornal passou a estar nas bancas diariamente. Herdeiro dos movimentos liberais do Porto, adotou o lema de informar de forma isenta e pluralista. Com uma visão empresarial e uma preocupação de realizar bom jornalismo, pai e filho salvaram o jornal e o mesmo se tornou uma referência no setor (v. O PRIMEIRO, s.d.).

Em 1870, já com boas instalações na rua de Santa Catarina, o jornal consegue o seu primeiro grande sucesso, ao aceitar uma proposta de receber os telegramas de correspondentes alemães da Guerra Franco-Prussiana. Os outros jornais da cidade, de tendência afrancesada, recusaram tal proposta e apenas transmitiam informações, muito controladas, por parte dos franceses, enquanto os leitores de *O Primeiro de Janeiro* acompanhavam

muito mais realisticamente o desenrolar da guerra. Com esse diferencial, a tiragem passou de três mil exemplares em 1870, para quinze mil no final da mesma década.

Contou entre os seus colaboradores dos mais prestigiados intelectuais da época: Camilo Castelo Branco, Alberto Pimentel, Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro, Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Gomes Leal ou António Nobre (v. O PRIMEIRO, s.d.).

Em cinco de dezembro de 1869, domingo, n. 272, foram publicados nesse jornal mais poemas assinados por Carlos Fradique Mendes — “Poemas do Macadam”, — com apresentação de Antero de Quental, onde se lia este parágrafo inicial:

Por especial obséquio do autor, publicamos algumas poesias do nosso amigo e originalíssimo poeta Carlos Fradique Mendes, as quais fazem parte da colecção que, sob o título expressivo de *Poemas do Macadam*, verá brevemente a luz da publicidade. O sr. Mendes é um dos poetas mais bem dotados da nova geração (SERRÃO, 1985, p. 265).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS: UM JORNAL PARA TODOS

No terceiro quartel de oitocentos, fazer jornalismo confundia-se com o *fazer política* ou o *fazer literatura*. Os “jornalistas” eram, sobretudo, “escritores de jornal” e políticos que faziam da colaboração em periódicos uma ocupação *amadora* e não uma profissão. O *Diário de Notícias* veio mudar esse estado de coisas.

O *Diário de Notícias* publicou dois números-programa nos dias 29 e 30 de dezembro de 1864, contando daí sua fundação e seu primeiro número ia à luz no dia primeiro de Janeiro de 1865.

O jornal diário francês *Le Petit Journal* (1863-1944), republicano e conservador, um dos quatro principais jornais diários franceses, serviria, juntamente com o jornal noticioso conservador *La Correspondencia de España* (1859-1925), vespertino de Madrid, publicado por Manuel María de Santa Ana, de modelo ao português *Diário de Notícias*.

O lançamento do *Diário de Notícias* pelo jornalista, escritor e empresário Eduardo Coelho (1835-1889) e seu sócio Tomás Quintino Antunes (1820-1898), depois visconde e conde de S. Marçal (1889), empresário e proprietário da Tipografia Universal, implantou um modelo

industrial, popular e independente de jornalismo. Eduardo Coelho, diretor do *Diário* até o falecimento (1889), introduziu dois novos gêneros jornalísticos, — o editorial e a grande reportagem. No século XIX, a maior parte da imprensa estava quase toda ligada a partidos políticos e o *Diário de Notícias* fez a tentativa inovadora de manter o jornal politicamente neutro (LEMOS, 29 dez. 2014).

Pela primeira vez, as receitas iam buscar-se não às assinaturas (que também se aceitavam, evidentemente) mas aos anúncios e, principalmente, às vendas nas ruas. Para isso, criou-se uma nova profissão: a dos ardinias, homens (provavelmente bastante mais velhos do que os jovens que a iconografia recorda) que faziam, a pé, a distribuição dos jornais pelos bairros e que se mantiveram na paisagem urbana até bem entrada a segunda metade do século XX. Para levar o jornal a lugares mais afastados do que as facilmente calcorreáveis ruas do centro, utilizavam-se carroças que deixavam os jornais em lugares onde pudessem ser vendidos, como quiosques ou leitarias (O *Diário de Notícias* faz hoje 150 anos. LEMOS, 29 dez. 2012).

Alguns empresários portugueses se aperceberam do lucrativo negócio que constituía a imprensa popular noticiosa, politicamente independente, de baixo preço e difusão massiva, já existente noutros países. Reaparecem em Portugal jornais populares noticiosos, direcionados para toda a sociedade, com meios técnicos e financeiros que propiciavam grandes tiragens em relação ao padrão da época, baixo preço por exemplar, cujos custos eram cobertos pela publicidade, com linguagem clara e acessível, que geralmente não polemizavam, que não seguiam qualquer linha política, antes procuravam, principalmente, relatar fatos importantes ou simplesmente interessantes, com a verdade e a objetividade possíveis. Com esses jornais, de que o *Diário de Notícias* é o primeiro expoente, inaugurou-se, em Portugal, a fase do jornalismo industrial, segundo o qual a imprensa é vista como um negócio, como uma *indústria* semelhante às demais, que dará a matriz para os tempos vindouros. Graças ao baixo preço a que era vendido, 10 réis, enquanto os outros jornais eram vendidos a 40 réis, deu origem a uma explosão do número de ardinias, “moços dos jornais” que andavam pelas ruas propagando as notícias e vendendo periódicos, escapando a uma vida de mendicância e de extrema pobreza. Ao fim de seis meses de publicação já tinha cerca de cem vendedores (cf. SOUSA, s.d.).

Face a esse cenário, as elites clamaram, então, contra a “decadência do jornalismo” que o *Diário* protagonizaria, ao prestar atenção ao crime, às trivialidades sociais e a outros assuntos do cotidiano e ao encarar a notícia como mercadoria e o jornalismo como negócio, afastando-se do temário da alta política e da alta finança, mais próprio dos jornais doutrinários consumidos pelas elites.

No *Diário de Notícias*, pontificavam as notícias de todo Portugal e do estrangeiro. O seu noticiário, muitas vezes criticado pelas elites por dar atenção ao crime e a trivialidades, ocupava a maior parte da mancha gráfica, enquanto os periódicos doutrinários o reduziam a duas ou três colunas.

O modelo jornalístico do *Diário de Notícias*, financiado pelo crescente afluxo de publicidade, que, ademais, dava bom retorno aos investidores, foi imitado, e o seu sucesso contribuiu para o desaparecimento de muitos pequenos jornais doutrinários, que lhes viram fugir assinantes, compradores e anúncios publicitários. O *Diário* transfigurou, assim, a imprensa portuguesa, tendo sido o grande responsável pela reconversão modernizadora do jornalismo em Portugal, que, com ele, para o bem e para o mal, entrou na sua fase industrial e profissionalizada.

O *Diário* conquistava, efetivamente, todos os públicos, incluindo as mulheres e os jovens, ao contrário do que sucedia com a imprensa doutrinária, que quase somente suscitava o interesse da elite masculina politizada e da alta finança.

Os folhetins também cedo fizeram a sua aparição no DN. Logo em 1870, entre 24 de julho e 27 de setembro, começou a ser publicado no jornal, sob a forma de cartas anônimas, *O Mistério da Estrada de Sintra*, de autoria de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Esse folhetim, primeiro romance policial da literatura portuguesa, teve um sucesso extraordinário e contribuiu para a divulgação do jornal, tanto quanto a introdução de rubricas de entretenimento, ilustração, moda e assuntos femininos.

Ramalho Ortigão (1836-1915) e Eduardo Coelho (1835-1889) eram muito amigos. Talvez seja por isso que Eça e Ramalho tenham escolhido o *Diário de Notícias* para publicar *O Mistério da Estrada de Sintra*. Abaixo, segue a matéria publicada na primeira página do *Diário*, no dia 23 de julho de 1870, quando o jornal introduz a publicação da narrativa de um crime considerado real que, no dia seguinte, iria ser publicada no lugar reservado para a seção “Folhetim” por não haver outro espaço no jornal. Aliás, destaca Carlos Reis, “só a existência de uma relação de amizade explica a publicação de um relato ficcional publicado como se fosse real” (REIS, s.d.).

O mistério da estrada de Cintra

A hora já adiantada recebemos ontem um escrito singular. É uma carta, não assinada, enviada pelo correio à redação, com um princípio de narração estupenda, que *dá ares de um crime horrível, envolto nas sombras do mistério*, e cercado de circunstâncias verdadeiramente extraordinárias, e que parecem terem sido feitas para aguçar a curiosidade e confundir o espírito em milhares de vagas e contraditórias conjecturas. Trata-se da sequestração noturna de um médico, e de um amigo seu para assistirem a um ato gravíssimo, e, demais fatos subsequentes. O interesse que esta narração desperta, a forma literária que a reveste, e o crime que parece revelar nos obrigam a não buscar resumí-la, e a dá-la na íntegra aos nossos leitores. *Não podemos, porém, inseri-la sem eliminar o folhetim, e substituí-lo, por este escrito, o que faremos em nossa folha de domingo [Grifos nossos].*

O Mistério da Estrada de Sintra é a primeira narrativa policial da literatura portuguesa, como afirmam os manuais de história da literatura portuguesa. O texto era um ataque à moral da época e se tornou ainda mais explosivo porque os personagens tinham traços evidentes de membros da aristocracia portuguesa. Esse vínculo incomodou as pessoas que se viram retratadas no folhetim, e Eça de Queirós passou a ser ameaçado, chegando a sofrer um atentado (SAÇASHIMA, 2008). A narrativa apresenta-se como um grande emaranhado de relações proibidas.

A ação pode ser resumida da seguinte maneira: a história começa com o sequestro de um médico, Dr. TTT e do seu amigo, F., um escritor. O rapto, realizado por quatro mascarados, ocorre na estrada de Sintra. Uma curiosidade: a maior parte das personagens tem o nome dado por iniciais ou por alguma característica, justamente para acentuar o clima de mistério do texto. Ex: Dr. TTT, Mascarado Alto, A.M.C, seu amigo F., condessa W.

O Dr. TTT e o seu amigo são levados para uma misteriosa casa, onde se encontra o cadáver do Capitão inglês, Rytmel. Sabendo que um deles era médico, os raptos pretendiam verificar se, realmente, o capitão estava morto. Entretanto, são surpreendidos pela entrada de um jovem, A.M.C., que viria a esclarecer todo o mistério.

Rytmel, oficial britânico, morreu vítima de *overdose* de ópio dado pela amante, Luísa Valadas, condessa de W., prima da personagem, Mascarado Alto. Luísa desejava apenas adormecer Rytmel para procurar e

confirmar nos seus papéis e cartas se ele era ou não casado com uma irlandesa, miss Shorn.

Luísa era casada com um homem rico que não a fazia feliz, conde Jorge Valadas. Conhecera Rytmel numa viagem que fizera a Malta com o marido e com o primo, Vasco, que era apaixonado por Luísa. Esta estava disputando Rytmel com sua amante, Carmem Puebla. Quando Rytmel anuncia a Luísa a sua vinda, esta, suspeitando do seu casamento com Carmen, enciumada, mata-o, involuntariamente, com uma dose excessiva de ópio.

A.M.C., estudante de Coimbra honesto e provinciano, ouviu as confidências da condessa e dispôs-se a ajudá-la na noite do falecimento de Rytmel, em que a encontrara desvairada e nervosa. Quando volta ao local do crime, a pedido de Luísa, encontra os bandidos, o médico e o seu amigo.

Luísa acaba seus dias isolada em um convento da Ordem das Carmelitas Descalças, situado na região do Minho, norte de Portugal (cf. MISTÉRIO, s.d.). “Plena de peripécias inverosímeis e excessos sentimentais, a narrativa visava parodiar o gosto do público da época pelos relatos de mistério, melodramáticos e rocambolescos” (www.citi.pt/altura/literatura/romance/eca_queiroz/misterio.html).

E, de facto, o “mistério” foi lido avidamente e conseguiu preocupar os lisboetas. Houve até leitores que acreditaram nos factos narrados, chegando inclusive a fazerem-se investigações policiais no local. Tudo se resolveu quando, ao fim de dois meses, os autores se identificaram e explicaram que, afinal, tudo não passava de um belo romance (MISTERIO, s.d.).

A personagem Carlos Fradique Mendes aparece, episodicamente, neste folhetim como uma personagem secundária, freqüentador dos saraus da amiga Luísa, condessa de W., amante de Rytmel. Fradique Mendes surge na narrativa na parte intitulada “Confissões d’Ela” — parte V (fragmento abaixo); aparece ainda na parte VII e no penúltimo parágrafo da ação, sob o título “Concluem as revelações de A.M.C.”, parte II.

Mas ao pé de mim, sentado num sofá com um abandono asiático, estava um homem verdadeiramente original e superior, um nome conhecido — Carlos Fradique Mendes. Passava por ser apenas um excêntrico, mas era realmente

um grande espírito. Eu estimava-o, pelo seu carácter impecável, e pela feição violenta, quase cruel, do seu talento. Fora amigo de Carlos Baudelaire e tinha como ele o olhar frio, felino, magnético, inquisitorial. Como Baudelaire, usava a cara toda rapada: e a sua maneira de vestir, de uma frescura e de uma graça singular, era como a do poeta seu amigo, quase uma obra de arte, ao mesmo tempo exótica e correta. Havia em todo o seu exterior o que quer que fosse da feição romântica que tem o *Satã* de Ari Shefer, e ao mesmo tempo a fria exatidão de um *gentleman*. Tocava admiravelmente violoncelo, era um terrível jogador de armas, tinha viajado no Oriente, estivera em Meca, e contava que fora corsário grego. O seu espírito tinha um imprevisto profundo e que fazia cismar: fora ele que dissera da pálida duquesa de Morny: *elle a la bêtise melancolique d'un ange*. O imperador citava muitas vezes este dito, como sendo conjuntamente a crítica profunda de uma fisionomia e de um carácter.

Carlos Fradique tinha por mim uma amizade elevada e sincera. Chamava-me *seu querido irmão*. Conhecia-me desde pequena, andara comigo ao colo. Em Paris tornou-se célebre; era o que se poderia chamar um *filósofo do boulevard*. Tinha sido *l'amy de coeur* de Rigolboche, e quando ela rompeu por se ter apaixonado por *Capoul*, Carlos Fradique deixou-lhe no álbum uns versos quase sublimes, de um desdém cruel, de um cômico lúgubre, uma espécie de *Dies Irae* do dandismo... (QUEIROZ, 1979, p. 141-2).

Neste trecho, percebe-se já algumas marcas registradas de Fradique Mendes que irão acompanhar esta personagem: já em 1870, os autores destacaram o dandismo, — provavelmente influência do escritor Charles Baudelaire (1821-1867), — movimento sócio-cultural, que iria tornar-se mais divulgado e com mais adeptos nos anos de 1885-1890, potencializado com os textos e comportamento do escritor irlandês, Oscar Wilde (1854-1900). As características atribuídas à personagem Fradique, — “abandono asiático”, — já lhe caracteriza como alguém exótico, misterioso, indefinido. Conhece o Oriente, esteve em Meca (cidade sagrada do Islamismo, na atual, Arábia Saudita), já foi um corsário grego, junta-se-lhe “homem original e superior”. Esta qualificação “original”, refere-se à pessoa que foge a toda regra; o qualificativo de “superior” vai ser utilizado sempre

que alguém se referir a Fradique, como veremos quase no final deste artigo no jornal *O Pirralho*, nos anos de 1915, um jornal brasileiro, considerado alternativo, nos termos atuais, de vanguarda. Fradique mora em Paris, que corresponde ao nível máximo em termos de cidade, com tudo o que há de avanço tecnológico e cultural. Nessa cidade, as coisas acontecem, porque tudo e todos estão lá.

Abaixo, segue o roteiro de publicações por meio dos quais encontraremos o *Fradique Mendes queirosiano*, isto é, criação individual, escrito apenas por Eça de Queirós a partir de 1888. Os textos, retirados desses periódicos, muitos deles republicados com alterações, irão compor o *corpus* do livro *Correspondência de Fradique Mendes*.

CARLOS FRADIQUE MENDES (PERSONAGEM) EM PERIÓDICOS

O REPÓRTER (JORNAL) — LISBOA

Ano	Nº do jornal	Mês	Dia	Capítulo
1888	233	agosto	22	I
1888	241	agosto	30	II
1888	248	setembro	06	III
1888	255	setembro	13	IV
1888	262	setembro	20	V
1888	276	outubro	04	VI

GAZETA DE NOTÍCIAS (JORNAL) — RIO DE JANEIRO

Ano	Nº do jornal	Mês	Dia	Capítulo/ Cartas
1888	238	agosto	26	I
1888	239	agosto	27	II
1888	240	agosto	28	III
1888	241	agosto	29	III
1888	242	agosto	30	III
1888	243	agosto	31	IV
1888	244	setembro	01	IV
1888	245	setembro	02	V
1888	246	setembro	03	V

1888	247	setembro	04	VI
1888	250	setembro	07	VII
1888	251	setembro	08	VIII
1888	251	setembro	09	VIII
1892	316	novembro	13	I-Quatro cartas de amor. A Clara.
1892	324	novembro	20	II-Cartas de amor
1892	328	novembro	24	III-Cartas de amor
1892	331	novembro	27	IV-Cartas de amor
1894		abril	26-28	Carta a Bento

REVISTA DE PORTUGAL

Ano	volume	número	dia	mês	Capítulo/cartas
1889	I	3	01	setembro	I, II e III
1889	I	5	01	novembro	IV e V
1889	I	6		dezembro	VI
1890	II	1		janeiro	VII
1890	II	2		fevereiro	VIII I: Ao Visconde de A.-T. II: A Madame de Jouarre. III:A Oliveira Martins.
1890	II	3		março	IV: A Madame S. V: A Guerra Junqueiro. VI:A Ramalho Ortigão
1890	II	4		abril	VII:A Madame de Jouarre. VIII:Ao Sr. E. Molinet.
1890	III	18		novembro	I: A Madame Jouarre
1892	IV	19		dezembro	II: A Clara...

A ILUSTRAÇÃO

Ano	volume	número	Dia /mês	Capítulo/carta
1890	VII	16	20 agosto	Cartas de Fradique Mendes (A Ramalho Ortigão)

REVISTA MODERNA

Ano	número	dia	mês	Capítulo/carta
1897	3	25	julho	“Carta a Bento” (provinha da <i>Gazeta de Notícias</i> de 26-28 de abril de 1894)

Ainda encontramos “rastros” de Fradique Mendes no Brasil no início do século XX no jornal *O Pirralho* (São Paulo). Num momento de modernização da cidade de São Paulo, de mudança de hábitos, acentua-se a preocupação com a elegância. Todo esse refinamento se refletia na moda literária e Eça de Queiroz teve realçados os aspectos de dandismo de sua obra. Talvez por isso, a personagem Fradique Mendes tenha-se tornado símbolo do surperfino, do ultraperfeito, dando-se destaque ao aspecto mundano da obra de Eça: “Atravessávamos precisamente uma época em que a vida dos autores se tornava mais interessante do que as obras” (BROCA, 1956, p. 209).

O Pirralho (12 ag. 1911 a 15 out. 1917 — 245 números), era um tablóide semanário de normalmente dezesseis páginas, editado em São Paulo e dirigido por Oswald de Andrade e Dolor de Brito, com “carácter de revista leve, literária e humorística” (*O Pirralho*, n. 173). Possuía seções de literatura, mundanismo, esportes, espetáculos. [...]. Posteriormente, passou a ter uma atuação mais claramente literária, sem nunca perder, porém, o caráter político” (ANTUNES, 1998: 20).

Sendo a revista mais típica e importante do “1900” paulistano, seria também a mais representativa do nosso pré-modernismo. [...] Como o “Fon-Fon”, a “Caretá” e outras revistas ilustradas do Rio, *O Pirralho* possuía não somente o caráter humorístico como literário, social e até político. [...] a revista se ligava por um lado ao clima “1900” e por outro já prenunciava o Modernismo (BROCA, 1956, p. 228).

O Pirralho “realizou grande programa de inquéritos literários, em que eram ouvidos tanto escritores do Rio como de São Paulo. [havia] perguntas bem à moda do ‘1900’ sobre a elegância de Fradique Mendes [...]” (BROCA, 1956, p. 229).

Em 2 de janeiro de 1915, ano IV, n. 168, *O Pirralho* começa a publicar uma seção com artigos-resposta à *enquête* sobre Fradique Mendes, sempre de página inteira, com três colunas e uma foto do jornalista que estava assinando a coluna naquele dia, com o título “A nossa ‘enquête’ sobre Fradique Mendes” e sub-título “Fala-nos...”(colocava-se o nome do jornalista que assinava a coluna naquele dia). Foram catorze artigos-resposta, publicados até o n. 185 em primeiro de maio de 1915.

Do que tratava este inquérito? Leiamos o que diz a coluna:

A nossa *enquête* de 27 de fevereiro: Todo mundo sabe que *O Pirralho* abriu um inquérito meio literário e meio mundano para saber o que se pensava em São Paulo da questão da vida superior e elegante e que por marco de referência tomou a figura de Fradique Mendes.[...] uma iniciativa de moços no sentido de dar incremento ao nosso meio intelectual.

A *enquête* constava de três perguntas: “1º Será Fradique Mendes um tipo representativo da vida superior? 2º Será Fradique um elegante perfeito? 3º Em caso de resposta negativa, qual o tipo ideal de homem?” (n. 179).

A Nossa “Enquete” sobre Fradique Mendes
Fala-nos Plínio Barreto

Consulta

1º Será Fradique Mendes um tipo representativo da vida superior?

2º Será Fradique um elegante perfeito?

3º Em caso de resposta negativa, qual o tipo ideal de homem?”

Resposta

Ao 1º Não. Fradique não é tipo representativo de coisa alguma. Fradique é uma pura ficção literária, bela porque saiu de uma imaginação rica e harmoniosa, mas sem a mínima consistência. Vale como uma obra de arte [...] É um mimo, é um primor, mas não é humano.

[...]

E falta a Fradique aquilo que nos homens de carne e osso é o sal da convivência: a possibilidade de dizer e de fazer asneiras. A sua perfeição irrita.

Ao 2º também não. Devia antes dizer que estava prejudicado com a resposta dada ao primeiro [...] Era um homem que não contraía dívidas ou, se contraía, as pagava e do qual nunca se soube que se desse ao desfrute com mulheres públicas. A ausência nele destes dois traços mais nobres da elegância contemporânea, mostra que apeado das nuvens em que Eça o colocou, Fradique, reduzido a massa humana, não passaria de um pedante inteligente.

Ao 3º o tipo ideal de homem é o filho mais viçoso de Fradique: é o Pacheco.

Pacheco, silencioso e grave, é na sua gravidade e no seu silêncio, a quinta essência do homem contemporâneo.

Aquilo sim tem vida, tem carne, tem ossos, tem músculos e, o que mais é, tem semelhantes.

[...]

Percorrer os catorze artigos-resposta de *O Pirralho* pode ser mais uma prova contundente da recepção crítica dos textos queirosianos no Brasil ainda no início do século XX.

A resposta dada por Juó Bananére (n. 185, 1 maio) em quase uma página e meia, que para o crítico brasileiro Wilson Martins (1978, v. 6, p. 23) foi a melhor, é “bastante cômica a irreverente “(LEITE, 1996, p. 178), e “no seu dialeto ítalo-brasileiro atingia em vivo o formalismo ‘raffiné’ de Fradique.” (BROCA, 1956, p. 126). Juó Bananére, personagem criada pelo então estudante de Engenharia Civil (Escola Politécnica — SP), Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (Pindamonhangaba/SP, 1892-1933) responde à *enquête* de *O Pirralho*, em português macarrônico — uma imitação do falar de imigrantes italianos da cidade de São Paulo, misturado a um português caipira.

Bananére associa logo o nome da personagem Fradique à obra e ainda faz menção ao nome do brasileiro muito amigo de Eça de Queirós, Eduardo Prado, demonstrando perfeito conhecimento do universo queirosiano:

Intó non si vê lógo che illo é um personagio da romanzo! É só a genti lê a “Currispundenza du Frederico Mendeso” p’ra vê che non pode sê reale un funzonario como illo. Illo non

é né o Duardo Prado, né o Eça ne nada, come quiere dizé arguns troxa. Andove já si vi um uomo chi cunhece profundamente tuttas riligió do l'Universimo? (n. 185, 1 maio)

Ocupando uma página e meia de rasgados elogios a Eça de Queiroz, Monteiro Lobato respondeu favoravelmente a todas as questões relacionadas a Fradique. Podemos resumir o que pensa de Fradique com a seguinte afirmação: “— Rico, belo, inteligente, criador, homem d’ação, bondoso, forte, fino, elegante, amável, saúde d’ aço, tipo 2 de boa torração.... Ora, tudo isso ainda é ser menos que Fradique [...]. Logo Fradique é um homem superior” (n. 182, 3 abril).

Concluindo, por ora, a trilha da personagem Carlos Fradique Mendes, podemos enfatizar nosso propósito de ter percorrido as fontes primárias de Fradique que “[...] podem corresponder ao que restou do processo de criação, mas sinalizam sua existência e percurso. [...] Indicam, por outro ângulo, os contextos de criação, produção material e leitura, ausentes no objeto-obra, mas determinantes de seu estatuto” (ZILBERMAN et al, 2004, p. 15).



Figura 1. *Revolução de Setembro*- 29 ag. 1869 — p.1



Figura 2. *Revolução de Setembro*- 29 ag.1869, p. 2 — continuação — seção “Folhetim” — poemas de Carlos Fradique Mendes



Figura 3. Estátua de “Eduardo Coelho e o ardina” no Jardim e Miradouro de São Pedro de Alcântara, perto do Bairro Alto (Lisboa). Inaugurados em 1904, busto e estátua do ardina são de autoria de António Augusto da Costa Mota (tio) e pedestal, do arquiteto Álvaro Machado. O monumento foi custeado por subscrição pública promovida pelo *Diário de Notícias*. [Fonte: REIS, s.d.; EDUARDO, s.d.]

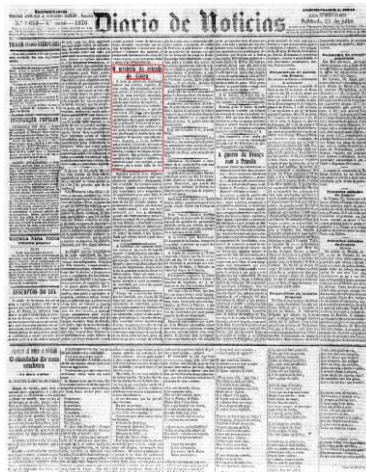


Figura 4. *Diário de Notícias*, 23 jul. 1870, p. 1, col. 3, “O Mistério da estrada de Cintra”.

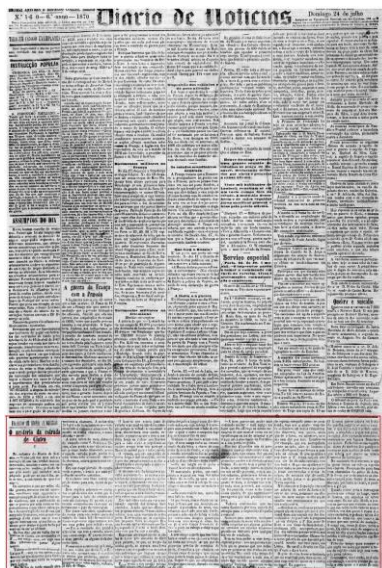


Figura 5. *Diário de Notícias*- 24/07/1870, seção Folhetim, “O Mistério da estrada de Cintra-I”, p.1



Figura 7. *O Pirralho* — São Paulo, 20 mar. 1915, “A Nossa ‘Enquête’ sobre Fradique Mendes”, Plínio Barreto, p. 5

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Benedito (org.). *Juó Bananêre: as cartas d’Abaix’o Pigues*. São Paulo: UNESP, 1998. (Prismas).

ANTERO de Quental *In Memoriam*. Edição fac-similada. Pref. de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: Editorial Presença: Casa dos Açores, 1993.

BARRETO, Plínio. A nossa “enquete” sobre Fradique Mendes. *O Pirralho*, São Paulo, p. 5, 20 mar 1915.

BATALHA REIS, Jaime. *Annos de Lisboa (Algumas lembranças)*. In: *ANTERO de Quental In Memoriam*. Edição fac-similada. Pref. de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: Editorial Presença: Casa dos Açores, 1993. p.441-472.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

CANDIDO, Antonio. A literatura na evolução de uma comunidade. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. p.139-167.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

DIÁRIO de Notícias: um jornal com história. Disponível em: <http://www.dnescolas.dn.pt/index.php?a=historia&p=2>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

LEITE, Silvia Helena Telarolli de Almeida. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996. (Prismas).

LEMOS, Mário Matos e. O *Diário de Notícias* faz hoje 150 anos. Disponível em: http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=991:noticia-o-diario-de-noticias-faz-hoje-150-anos-29-dezembro-2014&catid=164:2014&Itemid=1012>. Acesso em: 26 mar.2015.

MARTINS, Ana Luisa. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. São Paulo: USP; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MATOS, Álvaro Costa de. Rodrigues Sampaio e a Revolução de Setembro. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/ActasdeColoquiosConferencias/textos/ARSampaioTengarrinhaACM.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MENDES, C. Fradique. Folhetim. *A Revolução de Setembro*, Porto, p. 1-2, rodapé, 29 ag. 1869.

MINÉ, Elza. *Páginas flutuantes*. Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

_____. “Mariano Pina, a *Gazeta de Notícias* e *A Ilustração*: histórias de bastidores contadas por seu espólio”. *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa, v. 7, n. 2, p. 23-61, jul/dez. 1992.

MISTÉRIO da Estrada de Sintra. C.I.T.I. Disponível em <http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/misterio.html> Acesso em: 14 dez.2010.

MISTÉRIO da Estrada de Sintra-resum. *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 1, 3. col., 23 jul. 1870. Disponível em: <http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/misterio_resumo.html>. Acesso em: 10 dez. 2014.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. “Um jogo humorístico com a verossimilhança narrativa: *O Mistério da Estrada de Sintra*”. In: *Revista Colóquio/Letras*. n.86, 1985, p.15-23; n.97, 1987, p. 5-18; n.98, 1987, p.38-51.

O MISTÉRIO da Estrada de Sintra. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Mist%C3%A9rio_da_Estrada_de_Sintra>. Acesso em: 1 set.2014.

O MISTÉRIO da estrada de Sintra, 2013. Disponível em: <<http://www.luso-livros.net/Livro/o-misterio-da-estrada-de-sintra/>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

O Pirralho (periódico). São Paulo, 1915.

O PRIMEIRO de Janeiro. <https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Primeiro_de_Janeiro>. Acesso em: 15 jan. 2015.

QUEIROZ, Eça de. *O mistério da estrada de Sintra*. Porto: Lello Editores, 1979.

REIS, Carlos. Eça no *Diário de Notícias* Disponível em: <<https://queirosiana.wordpress.com/author/carlosreis01/>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

REIS, Carlos; FIALHO, Irene; SIMÕES, Maria João (ed.). *A correspondência de Fradique Mendes* (memórias e notas). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014. (Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós: Ficção, Semipóstumos e Póstumos.)

EDUARDO Coelho. Disponível em: <<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=415>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

SAÇASHIMA, Edilson. *O Mistério da Estrada de Sintra* se perde entre a ficção e a realidade. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2008/11/27/ult4332u923.jhtm>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

SERRÃO, Joel. *O primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Horizonte, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, Jorge Pedro. Teorização do jornalismo em Portugal: das origens a abril de 1974 (projeto de investigação). Disponível em < <http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/>>. Acesso em: 10 mar.2015.

TENGARRINHA, José Manuel. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. rev. e aument. Lisboa: Caminho, 1989.

ZILBERMAN et al. *A pedra e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.